

TRABALHO PEDAGÓGICO NAS PRÁTICAS DE IN/EXCLUSÃO: O DISCURSO DE PROFESSORES SOBRE ESTUDANTES COM DÉFICIT DE ALFABETIZAÇÃO

Moisés Corrêa Ferreira¹

Liliana Soares Ferreira²

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o Brasil propõe e elabora políticas públicas que visam à erradicação do analfabetismo de crianças, jovens e adultos, por meio de programas e ações. Como exemplo, destaca-se o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, que visa a alfabetizar crianças até o final do 2º ano do Ensino Fundamental, além de restabelecer as aprendizagens de crianças do 3º ao 5º ano, impactadas pela pandemia de COVID-19. No entanto, segundo dados da pesquisa Alfabetiza Brasil, realizada com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, divulgados em maio de 2023 pelo Ministério da Educação - MEC e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, a proporção de crianças analfabetas aumentou de 39,7% para 56,4%. Sendo assim, o analfabetismo de crianças no Brasil, que antes já demandava certa preocupação, hoje se tornou ainda mais alarmante, visto que, nas instituições de Ensino Fundamental, existem muitas narrativas que envolvem o déficit³ de alfabetização de estudantes bem como as possíveis causas deste ocorrido.

Tendo em vista tais aspectos da realidade, o objetivo desta pesquisa foi analisar o trabalho pedagógico (entendido como referido e tendo por base a Pedagogia, ciência da Educação) nas práticas de in/exclusão de estudantes com déficit de alfabetização, levando em consideração os percalços que poderão encontrar ao longo de sua vivência escolar e social. A pesquisa envolveu o olhar para além da inclusão de estudantes que são público-alvo da

¹ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: moises.ferreira@acad.ufsm.br

²Doutora no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: analilferreira@yahoo.com.br

³ Por déficit de alfabetização, entende-se também por insuficiência na capacidade de leitura e escrita. Assim, estudantes que ainda não têm a capacidade básica nas habilidades de leitura/escrita e apresentam dificuldades nestas competências foram considerados para a pesquisa.

educação especial, visto que a in/exclusão referida e abordada aqui está mais alinhada ao aspecto social e escolar de estudantes com déficit de alfabetização.

TRABALHO PEDAGÓGICO NA IN/EXCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DÉFICIT DE ALFABETIZAÇÃO: DO QUE SE TRATA?

A noção de trabalho pedagógico que orientou a pesquisa vincula-o à Pedagogia e determina que tenha como objetivo a produção de conhecimento. Nessa perspectiva, os estudantes e a comunidade escolar também estão presentes na realização do trabalho pedagógico e, por isso, pode ser considerado como uma prática social (Ferreira, 2018).

Neste contexto, o trabalho pedagógico pode ser interpretado como um trabalho que produz conhecimento. Trabalho pedagógico é trabalho; mas trabalho em que sentido? De acordo com Ferreira (2018), por sua vez, embasada nas obras de Karl Marx, no capitalismo, só é produtivo o trabalho que produz capital, sendo assim, o trabalho pedagógico não é interpretado como produtivo em escolas públicas, mesmo não deixando de ser trabalho e apresentando funcionalidade na reprodução do capital. Do ponto de vista marxista, pode ser definido como improdutivo por não produzir capital diretamente. Segundo Ferreira (2018, p. 595), “Os professores, então, são trabalhadores pedagógicos, cujo trabalho produz outros trabalhadores”. A autora também define o trabalho pedagógico como imaterial, já que o mesmo não apresenta uma natureza física. Em outras palavras, não pode ser percebido pelo sistema capitalista de maneira concreta.

No que se refere às práticas entre inclusão/exclusão, em todas as definições e indefinições, aparece a ideia de um espaço, e nele a concepção de estar dentro ou fora deste espaço. Por si só, a palavra inclusão pode ser entendida como o ato de incluir, ou seja, fazer e/ou estar pertencente a algo (Veiga-Neto; Lopes, 2011). Por sua vez, a exclusão refere-se à situação em que os sujeitos são deixados de fora ou impedidos de participar plenamente de algo, o que pode ocorrer no contexto educacional; até mesmo a escola, que a sociedade enxerga como uma instituição formadora de cidadãos críticos, exclui e marginaliza seus estudantes (Bourdieu; Champagne, 2001), a partir do momento em que começa a distinguir e rotular os estudantes conforme sua classe social, raça e/ou gênero.

O termo in/exclusão nasce justamente do binário inclusão/exclusão, sendo um conceito para retratar uma inclusão excludente (Veiga-Neto; Lopes, 2011). Em outras palavras, este conceito já foi desenvolvido com propósito de definir o que antes se nomeava inclusão ou

exclusão. Assim, no contexto escolar, o estudante pode estar incluído fisicamente no espaço da sala de aula e/ou escola, porém, isso não garante que o mesmo esteja incluído nas interações e relações que estão acontecendo em seu entorno (Lopes, 2007). É a partir desses aspectos que podemos avançar no que diz respeito ao déficit de alfabetização. A alfabetização é uma das principais responsáveis tanto pelo desenvolvimento individual quanto coletivo, contribuindo para o progresso econômico, social, cultural e educacional de uma sociedade.

A autora Magda Soares (2009) defende dois processos que, articulados, são os responsáveis pela aquisição da leitura/escrita e pelo uso das mesmas em práticas sociais. São eles: alfabetização e letramento. O conceito de alfabetização é referente ao processo da leitura e escrita, ou seja, ao ato de codificar e decodificar as letras; por sua vez, o conceito de letramento é referente ao uso da leitura e escrita em práticas sociais, ou seja, ler, interpretar e apresentar a compreensão. Eis a questão sobre o déficit de alfabetização no contexto escolar, visto que o estudante/sujeito deve utilizar a habilidade de ler e escrever para exercer uma prática social (Soares; Batista, 2005). Dessa forma, o sujeito não letrado provavelmente terá alguma defasagem referente aos aspectos sociais, linguísticos, culturais que o cercam. Isso pode resultar em práticas de in/exclusão nas mais diversas esferas.

METODOLOGIA

Metodologicamente, esta pesquisa configurou-se de abordagem de cunho qualitativo, propondo-se a explorar as múltiplas perspectivas e os contextos sociais dos participantes. A análise e a interpretação dos dados ficaram a cargo dos pesquisadores, segundo Antônio Gil “a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador” (Gil, 2008, p. 175). A análise dos dados é uma das etapas cruciais para o desenvolvimento da pesquisa, considerando que a interpretação do conteúdo reflete especialmente a capacidade analítica dos pesquisadores.

Os sujeitos da pesquisa são professoras⁴ dos anos iniciais (1º ao 5º ano) da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. O perfil estabelecido como critério de inclusão dos entrevistados determinou que estivessem alinhados ao objetivo da pesquisa. Ou seja, foram entrevistados professores que trabalharam com estudantes que apresentavam déficit de alfabetização e/ou que não foram alfabetizados. No total, foram quatro entrevistadas que

⁴ Aplico o vocábulo “professoras”, indicando gênero feminino, pois as entrevistadas são todas mulheres que trabalham na Rede Municipal.

atendiam ao critério pré-estipulado sobre a especificidade do déficit de alfabetização. Optou-se pela entrevista semiestruturada pelo fato de esta ser uma técnica com maior flexibilidade e permitir uma condução não ensaiada durante a interlocução com os sujeitos da pesquisa. Segundo Gil (2008, p. 111), "A entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais." Desse modo, há uma contribuição das professoras entrevistadas para analisar as práticas de in/exclusão de estudantes com déficit de alfabetização em sua totalidade, em especial, no âmbito do trabalho pedagógico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na realização das entrevistas, todas as interlocutoras compartilharam o argumento que um estudante com déficit de alfabetização encontrará desafios no decorrer de sua vida, tanto no contexto escolar como no social. Soares (2009), nessa perspectiva, afirma que além do contexto social, o sujeito pode vir a ter desafios no contexto cultural e econômico, visto que a condição social de um sujeito alfabetizado normalmente é superior à de um com déficit de alfabetização.

As entrevistadas relataram que desenvolver o trabalho pedagógico com base no currículo escolar se torna um dilema, visto que dentro do plano curricular existem conteúdos previstos para serem desenvolvidos na turma, porém os estudantes que ainda estão no processo de alfabetização não conseguem acompanhar sem a devida adaptação. Essa questão reflete na responsabilidade dos professores frente aos conteúdos e aos estudantes, visto que há um compromisso dos professores pela aprendizagem dos estudantes, mesmo para apresentar algo que eles possam avir a desenvolver futuramente.

Ainda sobre os desafios enfrentados pelos professores, ficou notável a ausência de apoio pedagógico como um todo: o apoio dos monitores, auxiliando nas específicas dos estudantes; o reforço escolar nos momentos oportunos; e também professores para apoio pedagógico dentro da sala de aula. O apoio familiar também foi abordado de diferentes formas, mas sempre dando ênfase no trabalho e comprometimento da família para que este estudante em específico consiga superar as adversidades e adquirir a leitura e escrita. A importância do apoio familiar é fundamental para os professores que trabalham com estudantes com déficit de alfabetização em sala de aula, porém a família, muitas vezes, não dá continuidade no processo.

Referente às práticas de in/exclusão em sala de aula, as entrevistadas evidenciaram que os demais estudantes têm um tratamento específico com estes estudantes com déficit de alfabetização, normalmente ocorre a rejeição em atividades de grupo e durante as interações

pessoais. Assim, o estudante com déficit de alfabetização está incluído no contexto físico da escola e excluído nas relações interpessoais do cotidiano escolar, ressaltando o que Veiga-Neto e Lopes (2011) abordam: que o estudante com déficit de alfabetização pode estar em uma situação de in/exclusão já que o mesmo percebe que os movimentos que estão sendo realizados são discrepantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudante com déficit de alfabetização pode enfrentar múltiplos desafios, tanto na sua vida escolar como na social. Já é sabido que os desafios estão para além da questão do déficit na alfabetização. Este aspecto em específico reflete em muitos outros, como por exemplo no contexto cultural e socioeconômico (Soares, 2009). Pensar nesta perspectiva, é compreender que este estudante também tem dificuldades para acompanhar as aulas, o que pode desencadear baixa autoestima e o estigma por não ter alfabetização plena como seus colegas de turma.

Hoje deve-se elaborar/pensar em diferentes maneiras e planos de ensino para abranger a diversidade que a escola inclui, fazendo as devidas adaptações para atender as necessidades de cada estudante, em específico para os com déficit de alfabetização. Reitera-se que a abrangência da adaptação está para além das atividades, mas na esfera macro que inclui a flexibilização do currículo, apoio pedagógico individualizado, etc.

Outro ponto é pôr em prática a verdadeira inclusão no ciclo de alfabetização, considerando que as práticas de in/exclusão ainda estão presentes no cotidiano escolar e, em alguns casos, os professores e/ou a instituição acreditam que estão praticando a inclusão apenas por inserir o estudante com déficit no ambiente físico escolar. Dessa maneira, não configura inclusão apenas a integração em que o sujeito, muitas vezes, é coagido a se adaptar ao cotidiano escolar. Em outras palavras, a integração acaba se tornando uma falsa inclusão.

Em linhas gerais, a partir dessa pesquisa, constatou-se que o trabalho pedagógico com estudantes com déficit de alfabetização está pautado também na questão dos desafios que os professores provavelmente irão encontrar durante o processo de alfabetização. Tratam-se de desafios internos como o próprio cotidiano da sala e a compreensão específica da necessidade cada estudante, também desafios externos como a falta de apoio familiar no processo de alfabetização, demanda do currículo escolar e a inclusão do estudante com déficit de alfabetização no ciclo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo et al. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 481-486, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para uma política nacional de avaliação da alfabetização das crianças**. Brasília, DF: Inep/MEC, 2023.

FERREIRA, Liliana Soares. Trabalho pedagógico na escola: do que se fala? **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.43, n.2, p. 591 - 608, abr./jun. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade, In: LOPES, Maura Corcini; DAL'IGNA, Maria Cláudia (orgs.). **In/exclusão nas tramas da escola, Canoas**: Ed. ULBRA, 2007. 236p.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para saber. Saber para excluir. **Pro-posições**, v. 12, n. 2-3, jul./nov. 2001

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Inclusão, exclusão e in/exclusão. **Verve**, n. 20, p. 121-13, 2011.